

Formação Histórica do Rio de Janeiro

Dos grupos indígenas que ocupavam as terras fluminenses, destacavam-se os tupis, os jês e os goitacás. Muitos desses aldeamentos constituíram-se as futuras vilas e cidades: Niterói (séc. XVI), Mangaratiba, São Pedro da Aldeia e Macaé (séc. XVII), *Itaguaí* e São Fidélis (séc. XVIII), Valença, Itaocara e Santo Antônio de Pádua (séc. XIX). As trilhas e caminhos abertos pelos indígenas foram fundamentais para a expansão dos portugueses e principalmente para consolidação da economia mineradora, já que o grande obstáculo era o relevo, as feições íngremes e escarpadas da Serra do Mar, que dificultavam o escoamento do ouro vindo das minas.

As economias de exportação também tiveram papel relevante também no processo de ocupação e povoamento do território fluminense: a cana, o gado e o café. A rede de circulação estabelecida para dar suporte à circulação da produção, dentro da lógica de atender aos interesses da coroa portuguesa, resultando em uma organização espacial caracterizada pelo grande papel desempenhado pelos portos, foi responsável pelo estabelecimento de novos caminhos para o Rio de Janeiro.

A implementação das ferrovias, na segunda metade do século XIX foi um importante dinamizador do processo de articulação e integração do território fluminense, contribuindo, entretanto, muito pouco para o surgimento de novos núcleos urbanos, limitando-se, na maioria das vezes, a interligar áreas já ocupadas anteriormente, já que o Rio de Janeiro também escolheu as rodovias como matriz de transporte, apoio das políticas públicas para entrada de indústrias automobilísticas, ficando o transporte ferroviário “abandonado”, inclusive nas áreas urbanas, que mantém um elevado índice de passageiros.